

**A ética cristã e o ideal cavaleiresco no  
Livro da Ordem de Cavalaria de Raimundo Lúlio**

*Bruno Pimenta Starling\**

**Resumo:** A formação do ideal cavaleiresco esteve intimamente ligada à ética cristã. Em seu *Livro da Ordem de Cavalaria*, Raimundo Lúlio, autor catalão do século XIII, busca adentrar ainda mais esta ética na concepção medieval de cavalaria. Procura, através da inserção de ideais cristãos, ordená-la, guiá-la e, num certo sentido, recuperá-la, para que encontre e justifique o seu lugar na sociedade. Desta forma, Lúlio tenta aderir à cavalaria laica o conceito de ordem, termo pertencente ao vocabulário religioso. As considerações feitas pelo autor deste verdadeiro manual de comportamento do cavaleiro estão intrinsecamente ligadas ao ideal cristão. Seja no momento da sagração do cavaleiro, seja num momento onde é analisada a simbologia das armas cavaleirescas ou, ainda, na constante comparação do ofício do cavaleiro na luta contra o infiel, ao do clérigo que, em sua luta espiritual, assume o papel de um *miles christi*. Enfim, Raimundo Lúlio acredita que a ordem dos *bellatores* e a dos *oratores* são as mais próximas em suas finalidades: a proteção e a salvação, seja terrena ou espiritual, do povo cristão.

A formação do ideal cavaleiresco esteve intimamente ligada à ética cristã. Ao longo dos séculos, a Igreja tentou, por meio dos mais diversos procedimentos, regularizar, regulamentar e controlar o meio guerreiro. Sabendo que durante a idade Média o corpo de guerreiros, ou *bellatores*, constituía-se basicamente pelo corpo de cavaleiros, pouco a pouco a Santa Sé tentou inserir no âmago da formação da ideologia cavaleiresca, uma dose da ética cristã.

O presente trabalho pretende mostrar um dos meios utilizados pelos religiosos para imiscuir esta ética na mentalidade dos cavaleiros, a saber, o *Livro da Ordem de Cavalaria*, de Raimundo Lúlio, um verdadeiro tratado sobre a ética cavaleiresca. Entendemos a obra de Raimundo Lúlio como integrante

---

\* Aluno mestrando do curso de História da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas / Universidade Federal de Minas Gerais (FAFICH / UFMG).

de um contexto textual mais abrangente, o de tratados desenvolvidos por clérigos e não-clérigos a partir, especialmente, do século XI. São obras como as de São Bernardo de Claraval e Jean de Salisbury que, ao lado de Lúlio, são reconhecidos por Jean Flori, historiador francês, como os “teóricos da cavalaria”.<sup>1</sup>

De fato, estas obras são responsáveis por criar e inserir – ou ao menos tentar – nos ideais cavaleirescos, elementos da doutrina cristã. Seus autores são os principais responsáveis por determinar a mais pura definição de uma ética cavaleiresca. Numa mudança ideológica do que outrora pregara as instituições eclesiásticas para controle destes *milites* (ou guerreiros, fossem eles cavaleiros ou não), como a paz e trégua de Deus – que visavam, no fundo, não ao controle dos direitos senhoriais, mas limitar a ação guerreira dos senhores feudais e seus cavaleiros em territórios de outrem –, os autores das supracitadas obras pensavam em ordenar as ações dos cavaleiros através da criação de um estilo de vida novo, onde os cavaleiros poderiam se reconhecer através de um objetivo comum, e que conteria uma ideologia que se inseriria dentro de uma ética religiosa mais abrangente. Em outras palavras, as instituições de paz, muito em voga entre o fim do século X e meados do XI, pretendiam muito mais obter um domínio sobre as ações guerreiras, numa tentativa de evitar as lutas intestinas entre os senhores feudais, ao passo que os “teóricos da cavalaria” desejavam inculcar nos cavaleiros uma ideologia própria, num momento em que a alcunha “cavaleiro” se propagava e era, cada vez mais, utilizada pela alta aristocracia, tal era o reconhecimento de que gozava o título.

Uma vez feitas essas considerações, pretendemos, inicialmente, estudar como os ideais cavaleirescos foram influenciados por uma ética cristã e como os “teóricos da cavalaria” tentaram inserir os cavaleiros num contexto de uma sociedade tripartida – *oratores, bellatores e laboratores*, onde cada uma dessas

---

<sup>1</sup> FLORI, Jean. *Chevaliers et chevalerie au Moyen Âge*. Paris: Hachette Littératures, 2008. pp. 212-219.

três ordens teria um ofício específico<sup>2</sup> - dando-lhes, assim, uma função própria e um reconhecimento social. Num segundo momento, e ponto chave deste estudo, entraremos mais profundamente na obra de Raimundo Lúlio, analisando através de exemplos, como ele entendia a maneira de ser e a ideologia e ética da cavalaria.

### **Os “teóricos da cavalaria”, as três ordens e a cavalaria**

Quando os primeiros “teóricos da cavalaria” aparecem com suas obras, a mudança na concepção da guerra pela Igreja já está em pleno desenvolvimento. Cabe aqui, então, um pequeno parêntese para lembrar o que foi, na realidade, esta mudança. Desde cedo o cristianismo sempre pregou a paz. A Igreja, como uma das instituições poderosas da idade média, ainda tentou, por meio das ditas instituições de paz (a paz e trégua de Deus), se defender das batalhas intestinas que eram travadas no ocidente europeu por volta do ano mil. “A própria Igreja é a principal vítima dessas guerras feudais. É a razão pela qual ela tenta se precaver por meio das instituições de paz.”<sup>3</sup> Elas têm início em fins do século X na Catalunha e Aquitânia e ganham todo o Ocidente durante o século XI, antes de, pouco a pouco, no século XII, serem substituídas pelas autoridades reais e principescas, em plena renovação por volta deste período.

Um pouco antes, a Igreja ainda enxergava a cavalaria com maus olhos. Apesar de todos os seus esforços, a paz e trégua de Deus pouco adiantaram para se obter um maior controle da turba desordenada que eram os cavaleiros. Então, em meados do século XI, uma reforma eclesiástica começou a tomar forma, culminando no Concílio de Clermont em 1095, onde o Papa Urbano II pregou a Primeira Cruzada. Desta reforma surgiu o conceito de guerra justa,

---

<sup>2</sup> Sobre a sociedade das três ordens, conferir: DUBY, Georges. *As Três Ordens ou o Imaginário do Feudalismo*. Lisboa: Editorial Estampa, 1982.

<sup>3</sup> FLORI, Jean. *A cavalaria: a origem dos nobres guerreiros da Idade Média*. São Paulo: Madras, 2005. p. 133.

aquela praticada pela e para a Igreja, e a idéia de cruzada. Neste mesmo período, ou logo após, a Igreja favorece, em Espanha, a *reconquista* e sacraliza o combate contra os infiéis. A guerra justa assumia, aí, esboços de uma guerra santa. André Vauchez salienta esse novo aspecto da guerra: ao participarem de uma guerra útil à Igreja, os cavaleiros se beneficiariam de um caráter original, “de remissão das penas que lhes haviam sido infligidas pelos seus pecados.”<sup>4</sup> Essa participação seria, desde então, considerada uma satisfação penitencial.

Esta verdadeira revolução (termo utilizado por Jean Flori) na idéia de guerra da Igreja, influenciará os “teóricos da cavalaria” a encontrar uma *raison d'être* para os cavaleiros, institucionalizando-os, dando-lhes uma responsabilidade social e, mais importante, conferindo à nascente ideologia cavaleiresca, elementos da ética cristã.

Entretanto, caberia-lhes inseri-los e justificar-lhes as ações e presença na sociedade. Num contexto de sociedade tripartida, ficava claro que a cavalaria se inseria na ordem dos *bellatores*, aqueles responsáveis pela guerra e proteção (reitero: proteção) das outras duas: os *oratores* e os *laboratores*. Entre os *bellatores*, os cavaleiros eram inclusos no conjunto, na totalidade dos guerreiros, estivessem estes à cavalo ou não. Ora, só podemos reconhecer a cavalaria quando ela já tem, pelo menos, uma ideologia própria, mesmo que ainda não bem definida, mas que a tornasse distinta dos outros *bellatores*.

E é exatamente a Igreja quem propõe uma ideologia propriamente cavaleiresca. Ela enche a cavalaria de sagrações, ritos litúrgicos e de fórmulas de bênção no ato da entrega das armas, chamado investidura. Pouco a pouco ela toda um ideal ligado à honra do cavaleiro e à defesa da Igreja, de seus ideais e do bem comum. Assim, quando desses ritos, ela acaba por ordenar o cavaleiro. “O conjunto dos cavaleiros investidos constitui uma ‘ordem’: ordo.”<sup>5</sup>

---

<sup>4</sup> VAUCHEZ, André. *A Espiritualidade da Idade Média Ocidental: séculos VIII-XIII*. Lisboa: Editorial Presença: 1995. p. 71.

<sup>5</sup> BLOCH, Marc. *A Sociedade Feudal*. Porto: Edições 70, 2001.

Em outras palavras, ela destaca dentro da ordem dos *bellatores*, a ordem de cavalaria.

Os “teóricos da cavalaria” são, em sua maioria, senão homens da Igreja, pessoas devotas e profundamente ligadas ao catolicismo. Em suas obras há uma adaptação ou transferência de conceito. De fato, os termos que encontramos para a definição do poder nas mãos dos reis e príncipes, salvo algumas exceções, serão os mesmos que, posteriormente, estarão presentes na ética cavaleiresca. Vejamos por exemplo, o que diz Hugo de Flavigny, no início do século XII. Sempre submetendo a autoridade temporal à Igreja, ele exalta o poder real sublinhando sua missão: “governar o povo de Deus, guiá-los com justiça e equidade, ser o defensor das igrejas, o protetor dos órfãos e das viúvas, entregar potência ao fraco e ao necessitado sem apoio”<sup>6</sup>. Este é o tom que encontraremos em livros que tentam dar uma definição ao ideal cavaleiresco, já bastante presente em meados do século XII, como prova a seguinte citação, retirada do *Policraticus* de Jean de Salisbury: “a função da cavalaria regular consiste em proteger a Igreja, combater a perfídia, reverenciar o sacerdócio, garantir de injustiças os fracos, fazer reinar a paz no país e derramar seu sangue por seus irmãos e, se necessário, dar sua vida por eles.”<sup>7</sup> Este último autor repensa a sociedade medieval, vendo-a como um corpo humano, onde a cabeça é o rei e as mãos seus cavaleiros, responsáveis pelas ações do príncipe.

“Este deslocamento ideológico não é fortuito. Ele traz à evidência uma evolução das concepções políticas e uma adaptação às realidades contemporâneas: o crescimento da cavalaria por um lado, e a renovação do poder real por outro.”<sup>8</sup> A cavalaria, assim, encontra seu espaço na sociedade, se justifica, se define, assume uma função, se atribui uma missão, se dota de uma ideologia.

---

<sup>6</sup> HUGUES DE FLAVIGNY, *Chronicon*, MGH, SS 8, p. 436. In: FLORI, Jean. *Chevaliers et chevalerie au Moyen Âge*. Paris: Hachette Littératures, 2008. p. 212.

<sup>7</sup> JEAN DE SALISBURY, *Policraticus*, VI, 8, ed. Webb, C.I., Londres, 1909, p.23. In: FLORI, Jean. *Chevaliers et chevalerie au Moyen Âge*. Paris: Hachette Littératures, 2008. p. 213.

<sup>8</sup> FLORI, Jean. *Chevaliers et chevalerie au Moyen Âge*. Paris: Hachette Littératures, 2008. p. 212.

É, também, uma aproximação real da cavalaria com a nobreza. É dizer que a cavalaria, cada vez mais, ganhava mais espaço e reconhecimento na sociedade, graças a ação destes teóricos, mas também devido aos chamados *Romances de Cavalaria*, cujas obras de Chrétien de Troyes constituem o melhor exemplo. Com a valorização da ordem de cavalaria, a nobreza, pouco a pouco, vem tomando para si própria o título de cavaleiro, tal era a honra que lhe era conferida. Isso culminará, no século XIII, numa absorção por completo da cavalaria pela aristocracia.<sup>9</sup>

### **Raimundo Lúlio e o *Livro da Ordem de Cavalaria***

Vimos, portanto, como a Igreja, por meio da literatura, conseguiu inserir no seio da cavalaria, elementos da ética cristã.

Como a Santa Sé, também Raimundo Lúlio tinha esta preocupação em mente, o que o levou a se envolver e a se preocupar com o papel desempenhado pela cavalaria na sociedade medieval. Filósofo, poeta e escritor maiorquino, autor de inúmeras obras, nasceu por volta de 1232, quando da conquista da ilha de Maiorca pelo rei de Aragão Jaime I, o Conquistador. Antes de se dedicar às letras, foi cavaleiro, senescal e mordomo do filho deste, Jaime de Maiorca. Em meados da década de 1260, Lúlio abandona o ofício das armas para se dedicar à pregação e conversão de mouros e judeus ainda existentes em grande número na Península Ibérica, naquele período ainda em constante guerra, a qual chamamos *Reconquista*. Tornou-se, então, um missionário laico. Embora se identificasse muito com a espiritualidade franciscana, não existem provas de que Raimundo Lúlio tenha integrado qualquer ordem religiosa. Assim como os outros denominados “teóricos da cavalaria”, Raimundo Lúlio desenvolveu um trabalho a respeito da ideologia cavaleiresca. Considerada por estudiosos como o primeiro verdadeiro tratado

---

<sup>9</sup> A esse respeito conferir: FLORI, Jean. *A cavalaria: a origem dos nobres guerreiros da Idade Média*. São Paulo: Madras, 2005. Pp. 113-123.

sobre a cavalaria<sup>10</sup>, a obra *O livro da ordem de cavalaria*, escrita por volta de 1283, reflete muito este envolvimento e as aflições que permeavam sua alma.

A obra “tem conteúdo missional e pretende ocupar espaço na formação dos novos pretendentes à Ordem de Cavalaria, iluminando o caminho dos noviços com valores espirituais, morais e éticos”<sup>11</sup>. Lúlio parece um pouco desapontado com os rumos que toma a cavalaria em fins do século XIII. Explicando as razões da escrita de sua obra, inicia-a com um prólogo onde um velho eremita e ex-cavaleiro dá a um jovem escudeiro um manual de conduta e prática da boa cavalaria. É perceptível o desapontamento do velho eremita ao saber que o escudeiro vai ao castelo do rei para ser sagrado cavaleiro sem sequer conhecer as virtudes e os ofícios da cavalaria:

- Como filho? – disse o cavaleiro – e tu não sabes qual é a regra e a ordem de cavalaria? E como tu podes aspirar à cavalaria se não tens sapiência da Ordem de Cavalaria? Pois nenhum cavaleiro pode manter a Ordem que não sabe, nem pode amar sua Ordem, nem o que pertence à sua Ordem, se não sabe a Ordem de Cavalaria, nem sabe conhecer as faltas contra sua Ordem. Nem nenhum cavaleiro deve armar outro cavaleiro se não conhece a Ordem de Cavalaria, porque desonrado cavaleiro é o que faz outro cavaleiro e não sabe lhes mostrar os costumes que pertencem ao cavaleiro<sup>12</sup>.

Lamento que o próprio Lúlio parece compartilhar. Ora, parecia-lhe, segundo o prólogo, que o cavaleiro havia se esquecido do ofício, das virtudes e, pior, no que consistia a Ordem de Cavalaria. A cavalaria parece ter se perdido, pois seus integrantes cometiam perjúrio, luxúria, eram ladrões e traidores de sua causa.

Considero aqui oportuno o momento de salientar que este prólogo se difere em muito do resto do livro. Sua forma é literária, ao passo que os outros

---

<sup>10</sup> FLORI, Jean. *Chevaliers et chevalerie au Moyen Âge*. Paris: Hachette Littératures, 2008. p. 217.

<sup>11</sup> COSTA, Ricardo da. “Apresentação”. In: LÚLIO, Raimundo. *O livro da Ordem de Cavalaria*. (Edição bilíngüe). São Paulo: Editora Giordano, 2000. p. XXV.

<sup>12</sup> LÚLIO, Raimundo. *O livro da Ordem de Cavalaria*. (Edição bilíngüe). São Paulo: Editora Giordano, 2000. p. 9.

capítulos são dedicados a uma argumentação didática e moral. Além disso, Lúlio utiliza elementos do chamado *Ciclo do Graal*<sup>13</sup> (como o ex-cavaleiro feito ermitão, o bosque, o escudeiro que adormece, etc.), notabilizando a influência de obras conhecidas por *Romances de Cavalaria*, gênero que teria trazido uma certa mudança de mentalidade ao cavaleiro, uma vez que há uma valorização cada vez maior do heroísmo e do individualismo.<sup>14</sup>

Mas, *O Livro da Ordem de Cavalaria* se destaca pela tentativa de penetração de uma mentalidade religiosa no âmago da moral cavaleiresca. As propostas de Lúlio vão, perceptivelmente, no sentido de uma aproximação Igreja/cavalaria. Ao longo da obra, Lúlio não se cansa em afirmar este intercâmbio e a proximidade entre a ordem de cavalaria e o mundo eclesiástico, utilizando, constantemente, da analogia para comparar a ambos: “Assim como os clérigos, por honesta vida, por bom exemplo e por ciência, têm ordem e ofício de inclinar as gentes à devoção e à boa vida, assim os cavaleiros, por nobreza de coração e por força das armas, mantêm a Ordem de Cavalaria.”<sup>15</sup>; do elogio às duas funções: “Muitos são os ofícios que Deus tem dado neste mundo para ser servido pelos homens; mas todos os mais nobres, os mais honrados, os mais próximos dos ofícios que existem neste mundo são o ofício de clérigo e o ofício de cavaleiro”<sup>16</sup>; e até numa comparação aos usos dos equipamentos no exercício de sua função: “Tudo que o presbítero veste para cantar na Missa tem algum significado que convêm ao seu ofício. E porque ofício de clérigo e ofício de cavaleiro se convêm, por isso Ordem de

---

<sup>13</sup> O tema do Graal foi desenvolvido notadamente por Chrétien de Troyes no século XII, em obras como *Perceval ou o Romance do Graal*, cuja origem remonta a lendas celtas (caldeirão da abundância). Numa literatura posterior, e muito influenciada pela obra de Chrétien, somente o cavaleiro perfeito seria capaz de encontrar o Graal, o cálice utilizado por Cristo em sua última ceia, e que teria o poder capaz de garantir a prosperidade ao mundo. Sobre o Graal, conferir o estudo de: BARBER, Richard. *O Santo Graal: a história de uma lenda*. Rio de Janeiro: Editora Record, 2007.

<sup>14</sup> FLORI, Jean. *Chevaliers et chevalerie au Moyen Âge*. Paris: Hachette Littératures, 2008. pp. 172-174.

<sup>15</sup> LÚLIO, Raimundo. *O livro da Ordem de Cavalaria*. (Edição bilíngüe). São Paulo: Editora Giordano, 2000. p. 19.

<sup>16</sup> LÚLIO, Raimundo. *O livro da Ordem de Cavalaria*. (Edição bilíngüe). São Paulo: Editora Giordano, 2000. p. 25.

Cavalaria requer que tudo o que é mister ao cavaleiro para usar de seu ofício tenha alguma significação.”<sup>17</sup>

Ora, essa aproximação destas funções não se dá à toa. Para Lúlio, as ordens clericais e cavaleirescas são as mais nobres, cujos ofícios são efetuados por aqueles eleitos por Deus, por serem melhores homens, de boa fé e respeitadores das vontades do Senhor. Ideais de vida cristã na idade média, monges e cavaleiros são estilos de vida heróicos, onde a busca da superação é permanente, através de sacrifícios e esforços prodigiosos. A vida monástica se compara à “imagem do cavaleiro que incessantemente deverá ultrapassar-se a si próprio, realizando novas façanhas.”<sup>18</sup>

A cerimônia de sacração de cavaleiro, ou investidura, é outro aspecto que aproxima as duas instituições (Igreja/Cavalaria). De origens germânicas, esse cerimonial vai, pouco a pouco, sendo cristianizado. Procedese a bênção da espada, a realização de uma festa em homenagem ao santo do dia e uma vigília noturna em oração por parte do cavaleiro, ao qual era, também, recomendado um jejum. Há, portanto, uma sacralização da investidura cavaleiresca, ou seja, elementos religiosos são transportados para um ritual antes tão somente de caráter laico e de diferenciação social. Por volta do século XII, essa evolução já parece estar completa e, o que se vê é que “não se arma apenas um cavaleiro. Procedese a sua ordenação.”<sup>19</sup> É o que retoma Lúlio: “o escudeiro deve jejuar na vigília da festa por honra do santo da festa. E deve vir a Igreja orar a Deus na noite antes do dia em que deve ser feito cavaleiro; deve velar e estar em preces e em contemplação e ouvir as palavras de Deus e da Ordem de Cavalaria.”<sup>20</sup>

---

<sup>17</sup> LÚLIO, Raimundo. *O livro da Ordem de Cavalaria*. (Edição bilíngüe). São Paulo: Editora Giordano, 2000. p. 77.

<sup>18</sup> VAUCHEZ, André. *A Espiritualidade da Idade Média Ocidental: séculos VIII-XIII*. Lisboa: Editorial Presença: 1995. p. 62.

<sup>19</sup> BLOCH, Marc. *A Sociedade Feudal*. Porto: Edições 70, 2001. p. 329.

<sup>20</sup> LÚLIO, Raimundo. *O livro da Ordem de Cavalaria*. (Edição bilíngüe). São Paulo: Editora Giordano, 2000. p. 67.

Neste mesmo cerimonial de sagração, o iniciante à ordem de cavalaria deveria fazer um juramento em honra aos dez mandamentos e aos sete sacramentos da Igreja. Assim, “a Igreja revestia o cerimonial militar com uma auréola sagrada indissolúvel. O ideal cavaleiresco luliano – muitas vezes quebrado na prática – tinha assim um propósito firme de entrelaçar a filosofia da Igreja com a prática guerreira das ordens de cavalaria.”<sup>21</sup>

O quinto capítulo do *Livro da Ordem de Cavalaria* é totalmente dedicado às armas, às quais o autor procura dar um significado, que exprimem, à sua maneira, as virtudes necessárias para o exercício do ofício da cavalaria. Ele enumera dezoito objetos que nas mãos dos cavaleiros cristãos se tornariam símbolos do combate ao inimigo da fé católica.

Devido à enorme quantidade de armas descritas neste quinto capítulo e por considerarmos que não caberia aqui tratar da simbologia de todas as dezoito armas, ressaltaremos aquelas que mais nos chamaram a atenção, seja pela importância conferida à própria arma no combate cavaleiresco, seja pelo significado simbólico dado a ela por Lúlio.

Primeiramente, a espada. Feita em semelhança à cruz, significa a manutenção da justiça e a cavalaria; é o símbolo da luta contra os inimigos da cruz. Ricardo da Costa reflete sobre o significado da espada na obra de Lúlio em seu livro “*A Guerra na Idade Média: um estudo da mentalidade de cruzada na Península Ibérica.*” Segundo este autor “a concepção simbólica luliana da espada, como um paradigma da luta contra as forças inimigas da cruz, apóia-se numa antiga tradição medieval que remonta à *La Chanson de Roland.*”<sup>22</sup> Neste romance, um anjo vem à terra e entrega uma espada a Carlos Magno que por sua vez a dá a Rolando para combater os muçulmanos. É um símbolo

---

<sup>21</sup> COSTA, Ricardo da. *A cavalaria pefeita e as virtudes do bom cavaleiro no Livro da Ordem de Cavalaria (1275), de Ramon Llull.* p. 10.

<sup>22</sup> COSTA, Ricardo da. *A Guerra na Idade Média: um estudo da mentalidade de cruzada na Península Ibérica.* Rio de Janeiro: Edições Paratodos, 1998. p. 151.

cruzado de força, poder e decisão. É seu duplo gume que confere a ela a simbologia da justiça e da cavalaria.<sup>23</sup>

Uma das principais armas do cavaleiro, a lança, por sua vez, significa a verdade. Numa carga de cavalaria o combatente deve confiar na sua lança, ela não deve se torcer ou quebrar, seu papel é derrubar e pôr fora de combate seu adversário. Assim, a boa lança não falta ao cavaleiro durante uma batalha. Ela combate a falsidade, e a verdade não se dobra diante desta.<sup>24</sup>

Uma das armas analisadas por Lúlio, a meu ver, foge bastante do comum. O cavalo é a única das armas que não é de fabricação humana e, talvez por isso, a ele coube significar o que Lúlio considera ser o início da cavalaria, valor que somente é encontrado naquele cavaleiro que possua todas as virtudes da alma. O cavalo coloca o cavaleiro mais alto que qualquer outro homem, indicando seu papel e lugar na sociedade. Ele é o mais nobre dos animais, dado aos mais nobres homens para combater o inimigo da cruz<sup>25</sup>, é o elemento que realmente distingue o cavaleiro de um guerreiro comum.<sup>26</sup>

Por fim, o escudo. Arma ambígua, de acordo com análise de Ricardo da Costa, para quem a cultura européia o teria identificado às forças maléficas. De fato, na *Chanson de Roland*, um demônio dá ao muçulmano um escudo cravejado de pedras preciosas para se proteger das espadas cristãs.<sup>27</sup> Entretanto, a simbologia luliana encara o escudo como elemento de defesa, como o próprio ofício de cavaleiro, ou seja, ele representaria o próprio

---

<sup>23</sup> “E porque a espada é cortante de cada lado (...) deve manter a Cavalaria e a justiça.” LÚLIO, Raimundo. *O Livro da Ordem de Cavalaria*. (Edição bilíngüe). São Paulo: Editora Giordano, 2000. V, 2, p. 77.

<sup>24</sup> LÚLIO, Raimundo. *O Livro da Ordem de Cavalaria*. (Edição bilíngüe). São Paulo: Editora Giordano, 2000. V, 3, p. 77.

<sup>25</sup> LÚLIO, Raimundo. *O Livro da Ordem de Cavalaria*. (Edição bilíngüe). São Paulo: Editora Giordano, 2000. I, 3, p. 13.

<sup>26</sup> LÚLIO, Raimundo. *O Livro da Ordem de Cavalaria*. (Edição bilíngüe). São Paulo: Editora Giordano, 2000. V, 13, p. 83.

<sup>27</sup> COSTA, Ricardo da. *A Guerra na Idade Média: um estudo da mentalidade de cruzada na Península Ibérica*. Rio de Janeiro: Edições Paratodos, 1998. p. 152.

cavaleiro, que seria o escudo do senhor.<sup>28</sup> É, na verdade, uma metáfora utilizada para simbolizar o cavaleiro como defensor do Senhor da fé cristã, Deus, e dos *pauperes*, ou pobres e fracos. Essa era a função primeira da cavalaria. Morrer em nome de Deus e de sua fé é a honra maior que pode ser conferida a um combatente cristão, é a remissão de seus pecados. Assim como o escudo fica entre o inimigo e o cavaleiro, este deve postar-se entre o Senhor e o infiel.

Desta forma Lúlio estabelece que o elo entre a simbologia das armas procede diretamente da relação entre clérigos e cavaleiros. “(...) Cada arma, cada veste, cada gesto, transforma-se em símbolos de virtude e de requisitos cristãos.”<sup>29</sup> Ele desenha, aqui, uma análise completa do que são as virtudes do cavaleiro, seus aspectos sociais, profissionais e morais. É testemunha do esforço eclesiástico, no decorrer dos séculos XII e XIII, de impregnar a cavalaria de valores religiosos. Assim, remete uma vez mais à ligação entre a Ordem de Cavalaria e a Igreja.

Numa análise mais profunda, percebe-se que o verdadeiro intento de Lúlio era recuperar a moral cavaleiresca, transmiti-la àqueles que a desejavam, restringi-la aos mais valorosos, instituí-la aos mais aptos. A obra detém um caráter nostálgico de tempos gloriosos, onde o cavaleiro era, acima de tudo, o defensor dos pobres, das mulheres, dos clérigos<sup>30</sup>. Deveria o cavaleiro ter uma missão divina, espalhar a fé cristã, instituí-la e divulgá-la em meio aos infiéis, se impor perante o Islã. Para isso, teria de se escolher, dentre os melhores, aqueles que fossem capazes de empunhar a “bandeira da Salvação”, os que tivessem nobreza de coragem, tivessem nobres ideais e fossem puros de

---

<sup>28</sup> LÚLIO, Raimundo. *O Livro da Ordem de Cavalaria*. (Edição bilíngüe). São Paulo: Editora Giordano, 2000. V, 11, p. 83.

<sup>29</sup> CARDINI, Franco. “O Guerreiro e o Cavaleiro.” In: LE GOFF, Jacques. *O Homem medieval*. Lisboa: Editorial Presença, 1989. p. 66.

<sup>30</sup> Para isso cf: DUBY, Georges. *A Sociedade Cavaleiresca*. São Paulo: Martins Fontes, 1989; COSTA, Ricardo da. *A Guerra na Idade Média: um estudo da mentalidade de cruzada na Península Ibérica*. Rio de Janeiro: Edições Paratodos, 1998; e BLOCH, Marc. *A Sociedade Feudal*. Porto: Edições 70, 2001.

coração. Estes homens se encontrariam entre os nobres. De fato, no período em que Lúlio escreve sua obra, a cavalaria está, se não em sua totalidade, já em grande medida, sob o controle da nobreza<sup>31</sup>. O autor chega a propor uma hierarquia dentro da própria Ordem de Cavalaria:

Tanto é nobre coisa o ofício de cavaleiro que cada cavaleiro deveria ser senhor e regedor de terra; mas, para os cavaleiros, que são muitos, não bastam as terras. E, para significar que um só Deus é senhor de todas as coisas, o Imperador deve ser cavaleiro e senhor de todos os cavaleiros; mas, porque o imperador não poderia por si mesmo manter e reger todos os cavaleiros, convém que tenha abaixo de si reis e cavaleiros, para que o ajudem a manter a Ordem de Cavalaria. E os reis devem haver abaixo de si condes, condores, varvesores, e assim outros graus de Cavalaria; e debaixo destes graus devem estar os cavaleiros de um escudo, os quais devem ser governados e possuídos pelos graus de cavalaria acima ditos.<sup>32</sup>

Bem entendido, para se manter a ordem, seria necessário seguir à risca esta hierarquia, levando em consideração algumas das virtudes pertencentes à Ordem de Cavalaria, tais como obediência e lealdade.

É o desejo de Lúlio ressaltar tais virtudes, em contraposição aos vícios, que deveriam ser afastados da vida dos cavaleiros, numa espécie de jogo de opostos. Nesse sentido, dedica um capítulo inteiro para ressaltar a importância de cada uma das virtudes necessárias à conduta correta de um cavaleiro, através das quais faria exercer a justiça no mundo. Estas são: fé, esperança, caridade, justiça, fortaleza, prudência e temperança. Estes elementos, se seguidos, fariam do cavaleiro o homem ideal, demonstrando a visão de Lúlio do papel do cavaleiro na sociedade medieval. Ele era o responsável pela manutenção da ordem e da justiça, para que não se cometesse roubo, violência, destruição e estupros, todos estes elementos de crítica por parte de Raimundo Lúlio. Sua grande decepção reside exatamente neste fato: o

---

<sup>31</sup> Cf: BLOCH, Marc. *A Sociedade Feudal*. Porto: Edições 70, 2001. pp. 327-324; e FLORI, Jean. *A Cavalaria: a origem dos nobres guerreiros da Idade Média*. São Paulo: Madras, 2005. pp. 113-123.

<sup>32</sup> LÚLIO, Raimundo. *O livro da Ordem de Cavalaria*. (Edição bilíngüe). São Paulo: Editora Giordano, 2000. p. 27.

cavaleiro do seu tempo parece ter renunciado ou esquecido as suas virtudes e os seus ofícios, cometendo os maiores pecados justamente contra aqueles aos quais havia jurado defender quando de sua sagração. Lúlio quer o retorno dos tempos áureos da cavalaria, quando reinavam as sete virtudes, sobrepujando os vícios da humanidade, é dizer, o restabelecimento de uma ordem mítica e gloriosa, ligada diretamente à nobreza e à cavalaria.

Vale fazer uma pequena observação sobre este último aspecto aqui apresentado. Apesar da ética cristã estar intrinsecamente ligada não apenas ao ideal cavaleiresco luliano, mas a ele com um todo, a Ordem de Cavalaria também bebia de outras fontes. Como ressalta Jean Flori, “a ideologia cavaleiresca não deve mais aos valores cavaleirescos que àqueles da aristocracia laica, à tradição católica que aos mitos celtas e germânicos, aos escritos dos pais da Igreja que à literatura e às tradições profanas, às virtudes cristãs que à glorificação da violência, do amor cortês e do orgulho de casta.”<sup>33</sup> Estes últimos aspectos, entretanto, cabem ser abordados em uma outra oportunidade.

### **Fonte:**

LÚLIO, Raimundo. *O Livro da Ordem de Cavalaria*. (Edição bilíngüe). São Paulo: Editora Giordano, 2000.

### **Referências Bibliográficas:**

BLOCH, Marc. *A Sociedade Feudal*. Porto: Edições 70, 2001.

BARBER, Richard. *O Santo Graal: a história de uma lenda*. Rio de Janeiro: Editora Record, 2007.

CARDINI, Franco. “O Guerreiro e o Cavaleiro.” In: LE GOFF, Jacques. *O Homem medieval*. Lisboa: Editorial Presença, 1989.

---

<sup>33</sup> FLORI, Jean. *Chevaliers et chevalerie au Moyen Âge*. Paris: Hachette Littératures, 2008. p. 208.

- COSTA, Ricardo da. *A cavalaria pefeita e as virtudes do bom cavaleiro no Livro da Ordem de Cavalaria (1275), de Ramon Llull*.
- COSTA, Ricardo da. *A Guerra na Idade Média: um estudo da mentalidade de cruzada na Península Ibérica*. Rio de Janeiro: Edições Paratodos, 1998
- COSTA, Ricardo da. "Apresentação". In: LÚLIO, Raimundo. *O livro da Ordem de Cavalaria*. (Edição bilíngüe). São Paulo: Editora Giordano, 2000.
- DUBY, Georges. *A Sociedade Cavaleiresca*. São Paulo: Martins Fontes, 1989;
- DUBY, Georges. *As Três Ordens ou o Imaginário do Feudalismo*. Lisboa: Editorial Estampa, 1982.
- FLORI, Jean. *A cavalaria: a origem dos nobres guerreiros da Idade Média*. São Paulo: Madras, 2005.
- FLORI, Jean. *Chevaliers et chevalerie au Moyen Âge*. Paris: Hachette Littératures, 2008.
- KEEN, Maurice. *La Caballería*. Barcelona: Editorial Ariel, 1986.
- RUCQUOI, Adeline. *Histoire Medievale de la Péninsule Ibérique*. Paris: Editions du Seuil, 1993.
- VAUCHEZ, André. *A Espiritualidade da Idade Média Ocidental: séculos VIII-XIII*. Lisboa: Editorial Presença: 1995.

